

Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná¹

Claudia Inês Parellada²

No alto vale do rio Ribeira e na margem esquerda do Itapirapuã, em área paranaense, houve pouca pesquisa arqueológica, e assim a implantação do programa de salvamento do gasoduto Bolívia-Brasil (Gasbol), naquela região, permitiu a possibilidade de um estudo que trouxesse dados inéditos e importantes para a compreensão do processo de ocupação humana da porção setentrional do leste paranaense.

Prospectou-se através de grandes *transects*, ao longo do segmento estudado, e apesar das limitações de tempo e da análise realizar-se apenas em trajetórias lineares ao longo do duto, puderam ser reveladas novas informações regionais e aspectos sobre a arqueologia da paisagem. Analisaram-se, especialmente, quatro conjuntos de concentração de sítios Itararé-Taquara: Fazenda Marrecas, Bomba, São Sebastião e Morro Grande, implantados nos mais variados compartimentos topográficos, inclusive cristas de morros.

Assim, nesse trabalho, faz-se a análise e discussão sobre a distribuição e implantação de sítios arqueológicos ao longo do traçado do Gasbol, e os vestígios recuperados, inclusive as pinturas rupes- tres de um abrigo granítico, dado inédito na região, identificado nas prospecções de campo. Analisa-se a arqueolo-

gia musealizada no Paraná e são relacionadas medidas para a conservação do patrimônio arqueológico das áreas atingidas pelo empreendimento.

Principais conclusões

Os ancestrais dos Jê meridionais, representados pela tradição Itararé-Taquara, tiveram pelo menos dois momentos de ocupação diferenciada dos espaços em território paranaense: a primeira, quando chegaram, provavelmente há cerca de 4.000 anos atrás, e ocuparam os vales de grandes rios, como o Ivaí e o Iguaçu, dispersando-se tanto para sul, como deslocando-se até a Serra do Mar.

Existe grande quantidade de sítios Itararé-Taquara datados no período entre 1000 e 600 anos AP, dispersos por uma área que vai desde o nordeste da Argentina à costa de Santa Catarina, o interior e o nordeste do Paraná. É nesse período de tempo que alguns sítios Itararé-Taquara, amostrados, da Fazenda Marrecas, localizada próxima ao rio Itapirapuã, área limite com São Paulo, situam-se. Assim, provavelmente há cerca de 1000 anos atrás tenha ocorrido um retorno a áreas "míticas" ancestrais, devido às mudanças climáticas, ou mesmo pressionados por outros grupos ceramistas organizados, mais ao sul, os Guarani e ao norte, os Tupi.

A ocorrência de grande número de sítios arqueológicos em terraços de alta vertente e cristas de espigões alongados, modelados em áreas de rochas graníticas, onde ocorrem solos litólicos pouco espessos, pode estar relacionada a uma maior estabilidade, em relação a movimentos de massa, como escorregamentos e deslizamentos. As populações que ocuparam essa região dominavam o ambiente montanhoso, e ocuparam sistematicamente as áreas íngre-

¹ Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, 271 páginas. Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

² Arqueóloga do Museu Paranaense, e-mail: parelladaclau@ig.com.br, Endereço institucional: Rua Kellers, 289, Curitiba – Paraná, CEP 80410-100.

mes, com maior estabilidade e visibilidade, dentro daquele mosaico de paisagens.

Na região estudada, e cortada pelo gasoduto, apesar da semelhança das formas do relevo em áreas onde ocorrem filitos e quartzitos, os solos comportam-se de forma diferenciada, fazendo com que, possivelmente, em épocas pretéritas, as populações tivessem experiências problemáticas na ocupação das áreas escarpadas onde ocorrem rochas mais susceptíveis a erosão. Nessas regiões com extensos terrenos de metassedimentos do Grupo Açungui, como quartzitos, filitos e calcários, são mais escassos, no traçado do gasoduto, os vestígios arqueológicos do que na região do alto vale do rio Ribeira.

Um dos motivos da intensa ocupação de cristas de espigões alongados e topos de morros talvez seja o período climático mais quente, que fez com que as florestas com araucárias se concentrassem nessas áreas. Os recursos naturais mais abundantes nesse tipo de relevo possibilitaram também o adensamento populacional.

A ocorrência de somente duas estruturas semi-subterrâneas, relacionadas a habitações, estocagem e/ou sepultamentos, associada ao abrigo Três Amigos 1, possivelmente se justifique pelo solo ser muito raso, com abundância de grãos e fenocristais de quartzo e feldspato, e muitos blocos de rocha ácida, o que dificultaria o processo de escavação das áreas de topos em rochas graníticas brasileiras e/ou quartzíticas proterozóicas.

A compreensão da tradição Itararé-Taquara como relacionada a populações da família lingüística Jê, atualmente representados pelos Kaingáng e Xokleng, e aos descritos em documentações históricas em território paranaense, como os Guaianás, Gualachos, Chiquis, Dorins e Camperos, entre outras denominações, e em seguida ao contato com os jesuítas do Guairá no século XVII, como Co-

roados, fica evidenciada com a análise de documentação etno-histórica e do acervo material de museus e instituições culturais. O Museu Paranaense tem um rico patrimônio sobre esses grupos, pois a coleção Telêmaco Borba, de grupos indígenas do vale do Tibagi no final do século XIX, e parte da Ruhland, sobre os Xokleng, está em sua posse, e como a instituição foi criada em 1876 teve a possibilidade de receber dos próprios indígenas alguns materiais que os representavam. Como os museus passam por diferentes administrações, muitas vezes as informações básicas de origem da peça acabam se perdendo, porém quando resgatadas, como são as ilustrações do sepultamento coletivo de índios Coroados, do final do século XIX, junto ao aldeamento de São Pedro de Alcântara e do interior de habitação Coroadado, também da mesma época, trazem importantes contribuições para as discussões interpretativas na arqueologia.

O manejo dos campos naturais no Paraná, entremeados por matas de araucária, foi uma das estratégias utilizadas pelos antepassados dos índios da família lingüística Jê para manter o território com características próximas ao seu provável local ancestral de origem, o Brasil central. A expansão das matas de araucária parece coincidir com o aumento populacional dos grupos Jê, que colaboraram na dispersão das sementes e provocaram um aumento substancial do número de araucárias e de algumas espécies consorciadas, como palmeiras jerivás, palmito, as pitangas e jabuticabas.

O processo de domesticação de plantas parece estar relacionado tanto a mudanças climáticas como a necessidade de abastecimento de um número crescente de indivíduos, assim as aldeias temporalmente começam a ficar maiores também, bem como as áreas de roças, e uma mudança nas estratégias de subsistência parece ocorrer ao longo dos últimos três mil anos.

A localização de áreas de coleta de argila, através da comparação com os dados provenientes da arqueometria, identificando os elementos-traço na pasta e o uso da densitometria gama na avaliação da tecnologia cerâmica, pode colaborar, futuramente, no aprofundamento das diferenciações entre as cerâmicas do alto Ribeira. O engobo vermelho na cerâmica Itararé-Taquara no alto vale do Ribeira foi um elemento característico de praticamente todos os sítios daquela região, fato que ainda não havia sido evidenciado em outras pesquisas.

Finalmente, tem que ser destacada a importância atual da arqueologia de resgate na captação de recursos para realizar pesquisas arqueológicas no Brasil. Obviamente, com bom senso e ética é possível executar trabalhos de qualidade que possibilitem o aprimoramento na execução dos componentes das cadeias operatórias museológicas. Com a possibilidade de criação e implantação de novas instituições, com programas museológicos detalhados, a salvaguarda e a comunicação dos vestígios, recuperados na "arqueologia de resgate", estariam assegurados.

Ainda é imprescindível a garantia de recursos financeiros, que devem ser orçados já nos projetos iniciais para a curadoria do acervo, mesmo que esse acervo permaneça em instituições já existentes, como museus ou universidades.

Cabe destacar que os resgates arqueológicos, devido a impactos por obras civis, sempre existiram, mas somente agora com as leis e resoluções federais

está sendo possível que as próprias empresas financiem o custeio de pesquisas ambientais e patrimoniais. Anteriormente, estes salvamentos, quando realizados, acabavam sendo custeados por instituições públicas ou com ônus dos próprios pesquisadores.

A oportunidade de ter as pesquisas arqueológicas realizadas com infra-estrutura adequada, da contratação de mais técnicos para as instituições, de modernização dos equipamentos de comunicação visual e de gerenciamento de banco de dados, e da implantação de programas museológicos, faz com que a "arqueologia de resgate" traga saldos positivos para a arqueologia brasileira. O grande problema será executá-la de uma forma que traga contribuições reais, e não apenas provoque colapsos de espaço físico e curadoria nas instituições brasileiras, além de um acúmulo de pesquisas superficiais, desprovidas de teoria e métodos.

Durante as pesquisas de campo do trecho X do gasoduto foram documentadas pinturas rupestres no vale do Ribeira, em abrigos graníticos, fato inédito naquela região. Além disso, houve um volume muito grande e surpreendente de sítios arqueológicos registrados na área impactada pela construção do Gasbol, no trecho X, Paraná, principalmente em cristas de morro, o que evidenciou sistemas de assentamento especializados na região devido o relevo íngreme. Essa área havia sido pouco pesquisada anteriormente, e o salvamento arqueológico propiciou muitos dados novos sobre a região.